



Anna Politkovskaia, abatida a tiro no elevador da sua casa em Moscovo, fez carreira como jornalista de investigação, tornando-se num exemplo de coragem e determinação pela luta dos Direitos Humanos ao escrever e denunciar os assassínios e espancamentos de civis pelo exército russo na república separatista da Chechénia.

Conforta-nos ao menos pensar que, ainda em vida, Politkovskaia foi distinguida com vários prémios na área do jornalismo, nomeadamente, a Caneta de Ouro (da União de Jornalistas da Rússia), no ano de 2001, o prémio *Pen Club International*, já em 2003, e o merecido Prémio Jornalismo e Democracia da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

Curiosamente, a televisão estatal russa apenas destacou, então, como réplica ao abalo provocado pela sua morte, os trabalhos desenvolvidos pela jornalista relativamente aos sequestros que tiveram como palco um teatro moscovita em 2002, e a inesquecível escola de Beslan, ambos levados a cabo por terroristas chechenos.

O brutal assassinato de Anna Politkovskaia veio, contudo, alertar para o verdadeiro escândalo de já terem sido “caladas para sempre” as vozes de mais de uma dezena de jornalistas na Rússia nos últimos anos... tensão que se instala e parece assim lograr vigiar e coarctar, definitiva e até brutalmente, o direito à liberdade de expressão e o dever de informar.

De facto, apesar das pressões de todos aqueles que vestem este luto e que gritam apelando ao apuramento de responsabilidades sobre tamanha censura consumada em crimes sangrentos, verificamos que, decorrido tempo já suficiente sobre a morte de Politkovskaia, perdemos não só uma das vozes da coragem, e a “normalidade” traduz-se no silêncio daqueles que o tentam impor... agora com a ameaça, a perseguição e a tentativa de envenenamento da advogada que patrocina os familiares da jornalista.

É fundamental estar atento, dar voz à justiça e levantar o véu do medo e da opacidade!